

Grupo Música Nova da UFRJ: Sua história e a utilização do trombone na criação e prática da música contemporânea no Rio de Janeiro

João Luiz Fernandes Areias¹

PPGM – UNIRIO

Doutorado

SIMPOM: *Teoria e prática da Execução Musical*

Resumo: Este artigo abordará a história dos vinte e seis anos de trabalho do Grupo Música Nova da UFRJ e o papel do trombone nessa trajetória. Com o objetivo de catalogar, pesquisar, e criar material referencial sobre o que foi o mais relevante movimento no sentido de criar e praticar a música de câmara brasileira contemporânea na década de 1990 na cidade do Rio de Janeiro. A sua existência impulsionou a criação de novos grupos e incentivou vários compositores e intérpretes. Foram utilizadas entrevistas, levantamentos e análises de algumas obras visando alcançar os objetivos deste artigo.

Palavras-chave: música brasileira; música de câmara; trombone; interpretação.

Grupo Música Nova da UFRJ: Its history and the use of the trombone in the creation e practice of contemporary music in Rio de Janeiro

Abstract: The purpose of this article is reveal the history of “Grupo Música Nova da UFRJ” in your trajectory of twenty-six years and the role of the trombone in this way. In order to catalog, research, and develop references about the most relevant movement of creation and practicing contemporary Brazilian chamber music in the decade of 1990 in the city of Rio de Janeiro. The relevance of the ensemble spurred the creation of new groups and encouraged several composers and performers. Interviews, surveys and analyzes of some works were used to achieve the objectives of the article.

Keywords: brazilian music; chamber music; trombone; interpretation.

¹ Orientador: Prof. Dr. Sergio Barrenechea. Co-orientação: Prof. Dr. Marcos Lucas.

1 Grupo Música Nova da UFRJ

A idealizadora e coordenadora Marisa Rezende

Este artigo inicia com aspectos biográficos da compositora Marisa Rezende, que além de coordenadora e idealizadora do Grupo Música Nova, trabalhou como professora catedrática da UFRJ. Ela diversificou sua carreira como pianista, concertista, professora, coordenadora e compositora.

Sua formação musical começou aos cinco anos de idade com Marieta de Saules, oriunda de uma família de músicos, cujo tio Otávio Bevilacqua, crítico musical e cronista, foi um dos formadores do Grupo Música Viva no Rio de Janeiro em 1939.

Marisa Rezende concluiu o nível médio na Academia Lorenzo Fernández em 1961 e o científico no Colégio de Aplicação da UFRJ no ano seguinte; começou, em 1963, o curso de Composição na Escola de Música da UFRJ e, ao mesmo tempo, estreou como concertista executando obras de Bach, Liszt, Chopin e Henrique Oswald no Auditório do Palácio da Cultura, atual Sala Funarte¹. De 1964 a 1968, viveu em Boston e retornou ao Rio de Janeiro para se reintegrar ao bacharelado em Composição. Mudou-se para o Recife em 1972, atuou diversas vezes como solista da Orquestra Sinfônica do Recife e concluiu sua graduação na UFPE em Composição e Regência. Aprimorando sua formação, segue para Universidade de Santa Bárbara, Califórnia, onde terminou em 1976, o mestrado em piano com o Prof. Erno Daniel². Nesse período escreveu suas primeiras obras: *Trio para oboé, trompa e piano* e *Trio para violino, violoncelo e piano*. Marisa transcreveu o primeiro trio citado para clarineta, trombone e piano, que anos depois o Grupo Música Nova executou.

Marisa participou ativamente da Bienal de Música Brasileira Contemporânea, que se tornou um dos meios mais importantes de divulgação da música nova no País, resultado do desdobramento dos Festivais de Música da Guanabara, criado em 1975 sob a direção de Edino Krieger. Retornou ao Recife na década de 1980 e ensinou matérias

¹ Nota sobre a data do concerto e informações (em pesquisa)

² Prof. Erno Daniel (1918-1977), pianista e maestro especialista em compositores húngaros da corrente estilística nacionalista. De 1960 a 1977 foi professor na Universidade de Santa Bárbara e regia a Santa Barbara Symphony Orchestra (USA).

teóricas na UFPE. Um ano depois, participou pela primeira vez dos Panoramas da Música Brasileira Atual e IV Bienal de Música Brasileira Contemporânea. Intensificou sua atuação como compositora e concertista quando volta à Califórnia para a conclusão de seu doutorado em composição, sob orientação de Prof. Peter Fricker³ em 1985, com amplo portfólio de obras, entre as quais o *Sexteto em seis tempos* e *Concertante para oboé, piano e orquestra*. Em seguida, tornou-se professora titular de Composição da UFRJ em 1987, mesmo ano que teve sua obra *Concertante para oboé, piano e orquestra* programada por Eleazar de Carvalho na OSESP. No ano seguinte, participou da fundação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós graduação em Música (ANPPOM)⁴.

Em sequência a suas atividades acadêmicas, criou, em 1989, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Grupo Música Nova da UFRJ, dedicado ao estudo e à interpretação da música brasileira contemporânea. Durante este trabalho, a importância e as características desse grupo serão abordadas. Na década de 1990, trabalhou com teatro e música multimídia e recebeu, em 1999, a *Bolsa Vitae de Artes*, da qual resultou o espetáculo *O (In)dizível*. Participou ainda da fundação do Núcleo de Música Experimental e Intermídia do Rio de Janeiro. Em 1992, foi *Visiting Researcher Fellow* da Universidade de Keele, Inglaterra, onde trabalhou com Prof. John Sloboda⁵. No mesmo ano da montagem da instalação de *Hemisférios*, 1993, o Grupo Música Nova foi incluído como “destaque do ano” pelo *Jornal do Brasil*. Criadora do Laboratório de Música e Tecnologia juntamente com o Prof. Rodolfo Caesar em 1995, também foi uma das fundadoras da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música.

Sempre convidada a participar de bancas de concursos e pós-graduação, Marisa Rezende se aposentou da vida acadêmica em 2002, passando a receber várias

³ Peter Racine Fricker (1920-1990) foi um compositor britânico que nasceu em Londres. A partir de 1964, tornou-se professor visitante de música da Universidade da Califórnia. Seis anos depois emigrou para os Estados Unidos, tornando-se professor residente dessa mesma universidade, ocupando o cargo de presidente do Departamento de Música (1970-1974), sendo nomeado, também, professor de pesquisa da universidade (1980) e Corwin Professor de composição (1988). De 1984 a 1986, foi presidente do Festival Internacional de Música e Literatura de Cheltenham, na Inglaterra. (GROVE, 2001, vol. 9, p. 261-263)

⁴ Essa associação teve como primeira presidente a professora Ilza Nogueira, uma das estudiosas sobre o Grupo de compositores da Bahia.

⁵ John Sloboda é Professor Emérito em Keele, Inglaterra, desde Outubro de 2008. Membro da Escola de psicologia desde 1974, foi Diretor do *Unit for the Study of Musical Skill and Development* fundado em 1991 até 2008. É conhecido mundialmente por seus estudos sobre psicologia da música, enfocando aspectos psicológicos na performance musical. Atualmente lidera uma iniciativa de pesquisa sobre o público alvo na Guildhall School of Music and Drama.

encomendas de obras orquestrais. Entre 2003 e 2008, compõe *Vereda* para a OSESP, *Avessia* e *Viagem ao Vento*, estreadas pela OSB, e encomendadas pela Sala Cecília Meireles. Além dessas composições, recebeu encomendas de peças orquestrais para as bienais de música brasileira contemporânea de 2011 a 2015. Desde então, se dedica à divulgação de suas obras, que têm sido executadas por grupos como *Lontano Ensemble*, de Londres; *Da Capo Players*, de Nova York; *Orquestra Sinfônica Brasileira* (OSB); *Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo* (Osesp) e *Orquestra Petrobras Sinfônica* (OPES). Com essa última, eu executei sua obra *Liame* para trombone e orquestra, como solista, durante o concerto da estreia mundial em 2019.

Marisa também possui vasta produção de CDs, realizada durante sua carreira. Ainda, em sua vida acadêmica, teve a oportunidade de lançar, sob sua coordenação, em 1998, o CD *Grupo Música Nova da UFRJ*, parte do projeto *Tons & Sons* da UFRJ, e registrou a obra *Ginga* (1994), também apresentada no *Carnegie Hall* em 1997, pelo *ACO Chamber Ensemble*. Teve ainda, até os dias de hoje, parte de sua obra gravada em cerca de dez CDs, sendo *Marisa Rezende: música de câmara*, do selo LAMI/USP seu recorte mais expressivo. Recebeu em 2016 a *Medalha Villa-Lobos* da Academia Brasileira de Música pelo conjunto de sua obra. Em 2018, foi compositora homenageada pelo V FMCB⁶ de Campinas.

2 A criação do Grupo Música Nova da UFRJ dentro do contexto da música brasileira contemporânea de concerto da época.

Impulsionada pela necessidade de prover aos alunos de bacharelado e pós-graduação em Composição da EM/UFRJ um ambiente para a experimentação de suas obras, a compositora Marisa Rezende cria com o apoio do CNPQ o Grupo Música Nova da UFRJ. Era de extrema importância criar um grupo estável para que os compositores tivessem contato frequente com os instrumentistas que executariam suas peças. O processo de criação se deu com a elaboração e envio do projeto ao CNPQ, solicitando apoio e concessão de cinco bolsas de iniciação científica. Por se tratar de projeto acadêmico, naturalmente após a aprovação do projeto, houve uma chamada para a seleção de instrumentistas alunos de graduação da EM/UFRJ, que se beneficiariam da

⁶ V Festival de Música Contemporânea Brasileira.

prática regular da música de câmara e a familiarização com o repertório contemporâneo. Os professores Ronaldo Miranda, Heitor Alimonda e Marisa Rezende participaram da seleção e optaram por ter uma formação com timbres variados, incluindo flauta, violoncelo, piano e percussão. As bolsas foram distribuídas aos instrumentistas Igor Levy (flauta), Sérgio Nuñez (violoncelo), Flávia Vieira (piano), Paraguassú Abrahão (percussão) e ao compositor Marcos Vinício Nogueira, permitindo assim a criação da primeira formação do Grupo Música Nova da UFRJ. A partir daí, o grupo passa a se encontrar regularmente duas vezes por semana, desenvolve o trabalho de forma séria e busca a excelência nas performances. Os encontros com os compositores possibilitaram a experimentação de técnicas composicionais que eram debatidas com os instrumentistas, gerando aperfeiçoamento técnico nas obras. Assim, com as sugestões recebidas, as obras ficavam adequadamente elaboradas para os instrumentistas participantes.

A criação do Grupo Música Nova se deu em um momento em que não havia grupos regulares de música contemporânea em funcionamento no Rio de Janeiro. Houve outros grupos e conjuntos anteriormente na cidade, mas alguns não tiveram continuidade, como o Conjunto *Ars Contemporânea*, dirigido por Guilherme Bauer. Esse conjunto foi criado em 1977 no ambiente musical carioca e se manteve em atividade até 1984, realizando concertos com o intuito de divulgar em especial o repertório brasileiro.

A música contemporânea parecia se desenvolver de forma mais ‘incisiva na década de 1980’, e isso aconteceu nos grandes centros, tais como, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre e Cuiabá.

Primeiramente, no Rio de Janeiro, houve além do Grupo Música Nova, a iniciativa do estabelecimento do Estúdio da Glória pelos compositores Tim Rescala, Rodolfo Caesare, Tato Taborda, que gerou diversos núcleos, como o *Conjunto Vazio*, o *GME – Grupo de Música Eletroacústica do Rio de Janeiro* e o *Numexi – Núcleo de Música Experimental e Intermídia*. Durante esse período, não se pode esquecer da Bienal de Música Brasileira Contemporânea, que continuava em plena atuação.

Já em São Paulo, o regente britânico Graham Griffiths, cria o *Grupo Novo Horizonte* em 1989, também incentivando a produção de obras de compositores brasileiros através de encomendas, difusão das obras em concertos e respectivas

gravações. Instaurou-se também o Centro de Documentação de Música Contemporânea (CDMC) na UNICAMP, idealizado e dirigido pelo compositor Jose Augusto Mannis. Esse centro, posteriormente, foi incorporado ao Centro de Integração, Documentação e Divulgação Cultural da UNICAMP (CIDDIC).

Em Belo Horizonte, a pianista Berenice Menegale, outros artistas e intelectuais mineiros criaram a *Fundação de Educação Artística* (1963), que gerou projetos futuros como o *Encontro de Compositores e Intérpretes Latino-americanos*, cuja primeira edição ocorreu em 1986 (as edições posteriores em 1988, 1992, 2002). Em 1984, idealizados pelo pianista Paulo Alvares, surgem os *Ciclos de Música Contemporânea de Belo Horizonte*, depois incorporado ao Festival Articulações, dirigido pelo compositor Eduardo Guimarães Alvares.

Por sua vez, na capital baiana, Salvador, acontece a retomada do antigo Conjunto Música Nova, transformado no final da década de 1980 em Bahia Ensemble. Esse grupo foi fruto do desenvolvimento do *Grupo de Compositores da Bahia* (1966) no recente Departamento de Música da UFBA, liderado por Ernst Widmer, que promoveu a *Apresentação de Compositores da Bahia* (1967), evento que se perpetuou até o ano 2000.

Em 1988, na cidade de Porto Alegre (RS), a criação do *Encompôr – Encontro de Compositores Latino-Americanos* — viabilizado pelo crítico literário Carlos Jorge Appel, então secretário da Cultura do Rio Grande do Sul (esse festival contou com sete edições realizadas até 2001) — se deu com a participação de compositores como Bruno Kiefer e Armando Albuquerque.

Na cidade de Cuiabá, o regente, instrumentista e diretor musical, Roberto Victório, desenvolvia atividades do grupo de câmara SEXTANTE, desde 1994, que embora fundado em 1986 no Rio de Janeiro, teve a continuidade de suas atividades em Mato Grosso, o grupo trabalha exclusivamente com a produção musical brasileira contemporânea, tendo realizado mais de uma centena de primeiras audições de obras brasileiras de concerto, muitas delas escritas originalmente para a formação.

Todas essas iniciativas (ênfase à década de 1980 e início da década de 1990) serviram para o desenvolvimento da música contemporânea no Brasil, e com certeza, tivemos muitas outras iniciativas não citadas aqui. O objetivo é simplesmente mostrar que houve uma onda criativa nesse período que levou a criação de grupos e gerou uma

quantidade significativa de músicas inéditas para o repertório camerístico contemporâneo brasileiro.

O Brasil consolidava a Democracia e passava por um período de desenvolvimento e acessibilidade tecnológica que viriam pluralizar as tendências estéticas culturais. Esses foram fatores que impulsionaram o surgimento de grupos e ensembles de música contemporânea e influenciaram suas trajetórias.

O Grupo Música Nova da UFRJ teve, em sua trajetória, momentos estruturais marcantes como a sua criação, a continuidade do projeto (mesmo sem sua coordenadora), as mudanças de formação, o aumento da quantidade de bolsistas, a manutenção do grupo (apesar de outro fator estrutural importante, como a perda definitiva das bolsas de pesquisa).

Para o estudo em questão sobre o grupo, essas mudanças estruturais foram divididas em três períodos, que serão abordados nas seções subsequentes. Durante esses momentos, houve grandes realizações artísticas, como concertos realizados, viagens para participações em festivais, assim como a gravação do CD do grupo.

2.1 Primeiro período (1989 – 1992)

No primeiro período, que vai de 1989 a 1993, momento da gênese, o grupo começa a se apresentar e a criar a imagem que seria consolidada nos anos posteriores. Nesse primeiro período, o grupo realizou 11 concertos, dois dos quais com a primeira formação (1989 a 1990) e nove com a segunda formação do grupo (1990 a 1993).

Em 1989 no Rio de Janeiro, com a concessão de cinco bolsas de pesquisa do CNPQ, criou-se, por iniciativa da compositora Marisa Rezende, o Grupo Música Nova da UFRJ. O grupo possuía como objetivo o estudo e a execução de música de câmara instrumental, com o intuito de promover obras contemporâneas brasileiras e servir como laboratório para as experimentações dos compositores da época. Devido a essa concessão, o grupo passou a ter a possibilidade de fomentar encontros frequentes necessários para se tornar um *ensemble* de qualidade. Claramente, o nome do grupo se deu pelo desejo de executar obras inéditas e de compositores vivos.

O grupo apresentou, em seu longo caminho, várias formações, que marcaram suas distintas fases de atuação. Nesse primeiro momento, flauta, violoncelo, piano e percussão compunham a formação inicial (1989), que definiu a produção artística do

grupo naquele momento. Os instrumentistas eram Igor Levy (flauta), Sérgio Nuñez (violoncelo), Flávia Vieira (piano), Paraguassú Abrahão (percussão) e o compositor Marcos Vinício Nogueira, compondo assim a primeira formação do Grupo Música Nova da UFRJ. Esses instrumentistas se mantiveram por dois anos até a renovação do grupo. O concerto inaugural, recital de alunos compositores como transcrevo abaixo, aconteceu no Salão Henrique Oswald da Congregação na EM/UFRJ, em maio de 1989.

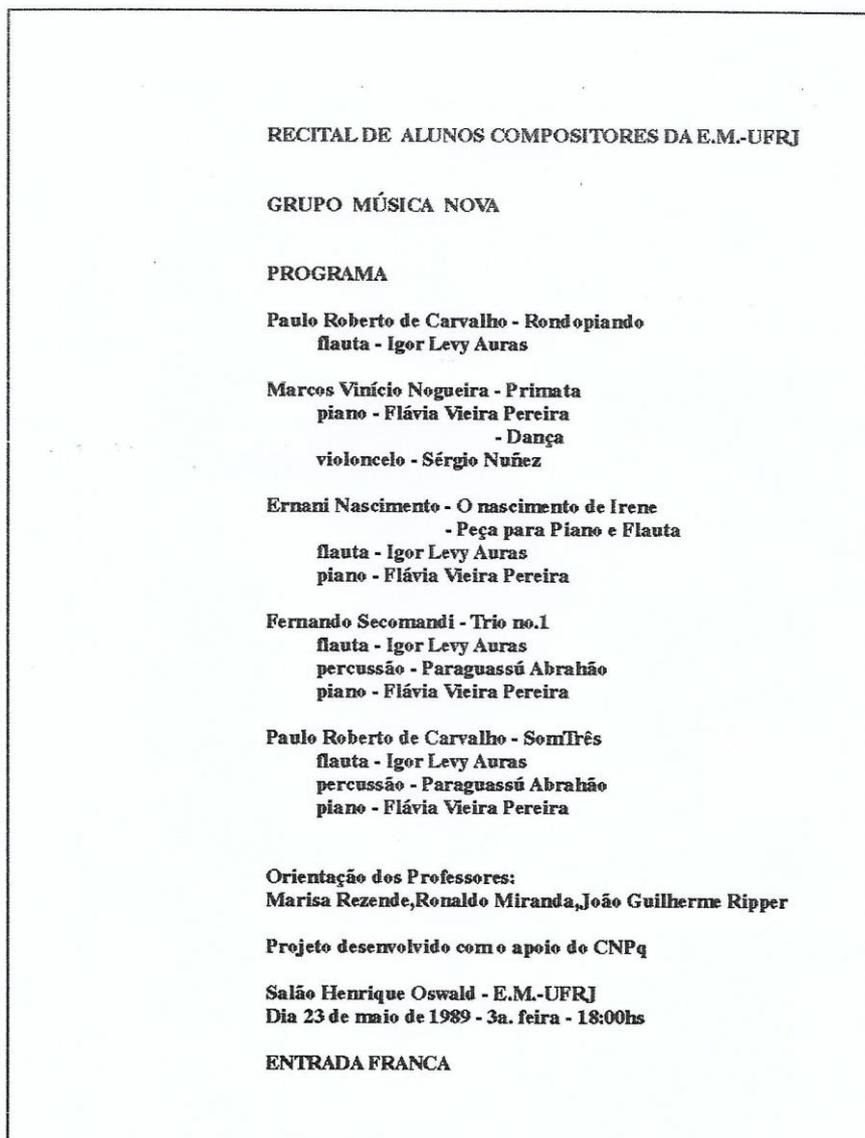


Figura 1 - Programa do Concerto Inaugural – Grupo Música Nova da UFRJ

Houve então uma segunda formação em 1990, com flauta, clarinete, violoncelo e piano. Sendo substituída a percussionista Paraguassú Abraão pela clarinetista Glória Subieta.

A elaboração dos programas dos concertos ficava a cargo da coordenadora Marisa Rezende, que, sem desmerecer a importância do intérprete, tinha como objetivo dar destaque a compositores jovens e mais experientes, mesclando suas obras e gerando assim intercâmbio de influências.

Alguns alunos⁷ de Composição da UFRJ escreveram obras para essa primeira formação e impulsionaram o grupo para uma trajetória de 26 anos. Além dos alunos, outros compositores — tais como Eduardo Guimarães Alvarez, João Guilherme Ripper, Cirlei de Holanda, Roberto Victório, Ronaldo Miranda, Aylton Escobar e a própria Marisa Rezende — escreveram peças executadas pelo grupo nesse primeiro período. Conforme o programa mostrado acima, os pioneiros que compuseram para o primeiro concerto foram Paulo Roberto de Carvalho, Marco Vinício Nogueira, Ernani Nascimento e Fernando Secomandi.

A marca registrada mais característica do Grupo Música Nova, estilo de vanguarda e caráter experimental das obras, teve relevante importância cultural naquele momento em relação à música contemporânea no ambiente carioca. Como grupo universitário, teve importância didática preponderante com a orientação dos compositores — muitas vezes alunos da própria universidade — e dos instrumentistas que levavam suas questões técnicas e interpretativas para seus respectivos professores e as debatiam com sua coordenadora. A singularidade do projeto era marcada por seu ineditismo no meio acadêmico carioca (segundo informações de Marisa Rezende). Não havia direcionamento estético em relação à composição das obras, sendo a liberdade estética de criação assinatura muito própria desse projeto; segundo a própria Marisa Rezende, essa liberdade também foi característica do trabalho realizado pelo Grupo de Compositores da Bahia.

⁷ Marcus Ferrer (RJ, 1963 – Atualmente professor da UFRJ), Marcos Nogueira (RJ, 1963 – Atualmente professor da UFRJ), Paulo Carvalho, Alexandre Schubert (MG, 1970 – Atualmente professor da UFRJ), Carlos César Belém (RJ, 1965), Orlando Alves (MG, 1970 – Atualmente professor da UFPB), Patrícia Regadas (RJ, 1961), Alliana Daud (RJ, 1967), Ilya São Paulo (BA, 1963), Virgínia Moreira, Alexandre Rachid, Alfons Mioduski, Pauxy Gentil Nunes (RJ, 1963 – Atualmente professor da UFRJ), Ernani Nascimento, Harley Elbert, Jacqueline Tergolino, Edson Zampronha (RJ, 1963), Fernando Ariani (SP, 1959), Roseane Almeida (RJ, 1960), e Fernando Secomandi (ES).

Em abril de 1991 o grupo estreia na TVE, programa Jovens Recitalistas, oportunidade ímpar, já que espaço em televisão não integrava a experiência comum de um grupo de música contemporânea.

Marisa Rezende se retirou do Brasil por um período para seu pós-doutorado, e o inicia em novembro de 1991 como *Visiting Researcher Fellow* da Universidade de Keele, Inglaterra. Exatamente nesse ínterim, o Grupo Música Nova realizou sua primeira viagem para se apresentar fora do Rio de Janeiro. O grupo não parou suas atividades e apresentou um concerto a convite do compositor Harry Crowl⁸ na *I Mostra de Música Contemporânea de Ouro Preto*, MG. Quando retornou em setembro de 1992, como vários alunos da Universidade se graduaram, houve outro pedido de bolsas para o CNPQ. Essas bolsas somente foram concedidas no final de outubro, e uma reformulação do grupo aconteceu. A nova etapa do grupo começa em novembro de 1992, com formação heterogênea de flauta, clarinete, trompete e contrabaixo. Os instrumentistas eram Eloá Sobreiro (flauta), André Góes (clarinete), Delton Martins Braga (trompete) e Alexandre Brasil (contrabaixo). Logo após a definição do grupo, durante a segunda quinzena de novembro e primeira quinzena de dezembro, os bolsistas instrumentistas deram uma palestra introdutória aos compositores, que visava à obtenção de novos efeitos para seus instrumentos. Os compositores dessa formação como bolsistas eram Marcus Ferrer e Ilya São Paulo. Como o segundo teve de se ausentar por dois meses, houve uma substituição por Carlos César Belém.⁹

A mídia impressa não disponibilizava grande espaço para a música contemporânea, a não ser para eventos de maior porte, como Festivais e a Bienal de Música Contemporânea Brasileira, da qual o grupo participava com frequência. Apesar do pouco espaço dedicado a essa corrente, nas colunas de crítica musical, havia análises, embora raras, sempre muito favoráveis ao trabalho realizado pelo grupo.

Delimitei esse período de acordo com a retomada de atividades do grupo, já que isto aconteceu devido ao retorno de Marisa Rezende as atividades de coordenação.

⁸ Compositor, musicólogo e professor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

⁹ Existem alguns vídeos em poder da coordenadora do projeto, que foram enviados para o CNPQ como descrito no relatório de atividades do período de novembro de 1992 a março de 1993.

2.2 O segundo período (1993 a 1998)

No segundo período da trajetória do grupo, o mais prolífico, de 1993 a 1998, houve a maior formação de integrantes, com número que chegou a nove participantes, e nesse instante, houve a gravação do CD. Com o retorno de sua coordenadora ao Brasil, depois da obtenção de seu diploma de pós-doutorado no final de 1992, surge a terceira formação (1993 a 1994) com clarineta, flauta, trompete e contrabaixo, que não se mantém por muito tempo. O primeiro concerto da terceira formação foi no dia 17 de setembro de 1993, concerto que se repetiria no dia 28 de setembro do mesmo ano com pequena alteração, trocando a obra *Fole* pela obra *Passeios* ambas de Marcus Ferrer, os dois concertos foram realizados no Salão Leopoldo Miguez da Escola de Música da UFRJ¹⁰. Vários compositores foram envolvidos no projeto além da própria Marisa Rezende.¹¹ Considero essa fase como de transição, pois, logo após, segundo semestre de 1994, houve mudança e foi montada a quarta combinação de instrumentos com clarineta, flauta, trombone, violino, contrabaixo e piano, que perduraria por um ano, mas que viria a ser ampliada.

O programa apresentado no *XVI Panorama da Música Brasileira Atual* foi dividido com outros participantes e a segunda parte do programa foi exclusivamente do Grupo Música Nova como se pode ver a seguir.

¹⁰ Este segundo concerto foi de grande importância, pois foi quando tive o primeiro contato com a sonoridade do Grupo Música Nova. Convidado para assistir ao concerto pelo clarinetista André Góes, interessei-me pela criatividade e singularidade daquela formação, e posteriormente me tornar um integrante do grupo.

¹¹ Cito aqui os participantes: Alexandre Schubert, Carlos César Belém, Marcus Ferrer, Aliana Daud, Patrícia Regadas, Roberto Victório, Cirlei de Hollanda e Fernando Ariani.

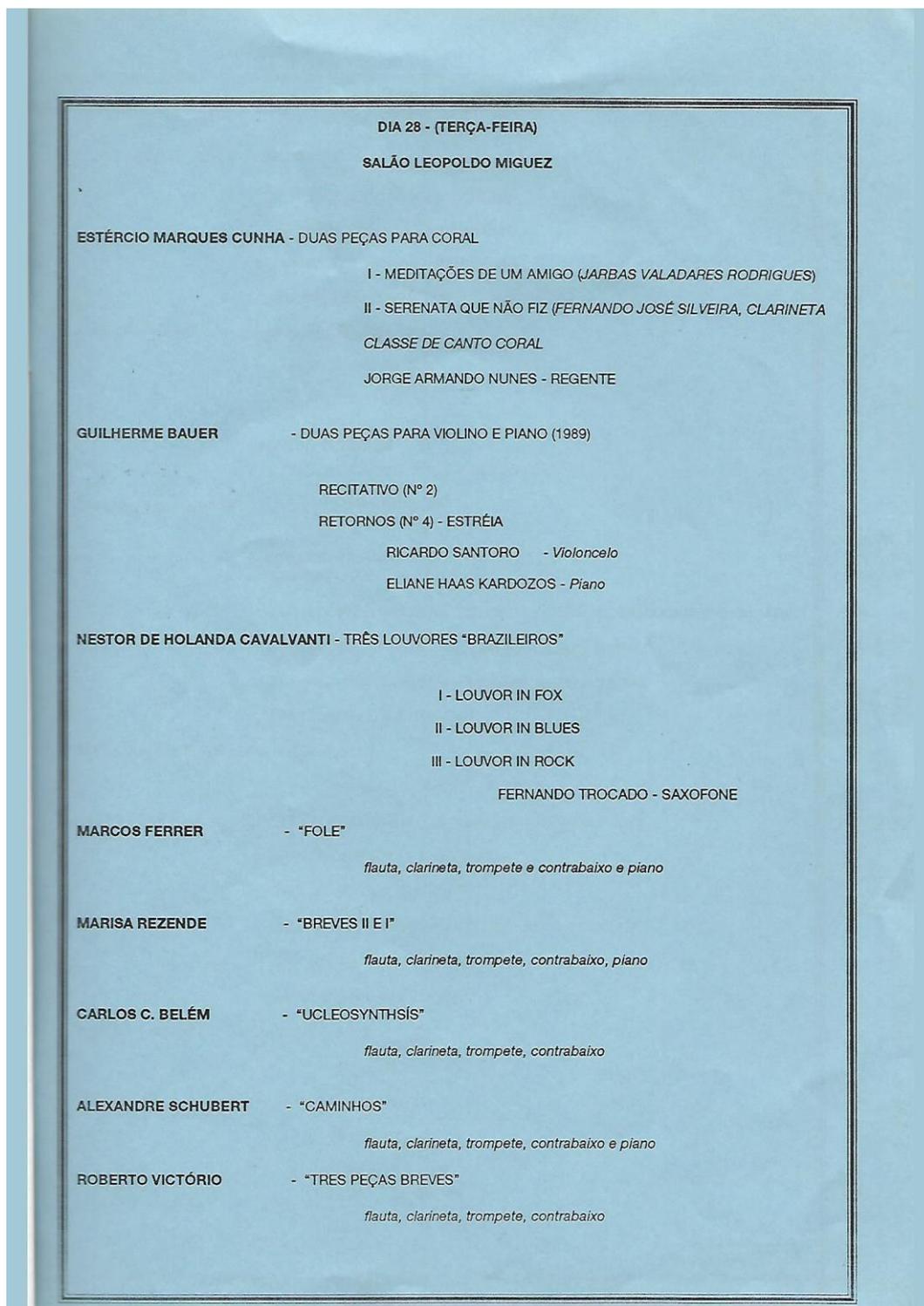


Figura 2 - Programa do Concerto de 28/09/1993

Nesse segundo período, o grupo realizou quatro concertos com a terceira formação e seu último concerto foi no Centro Cultural Banco do Brasil em julho de 1994 na série *Nossa Música – Música Nossa* e executou além de *Fole* de Marcus Ferrer, *Nucleosynthesis* de Carlos C. Belém, *Caminhos* de Alexandre Schubert, já tocadas

anteriormente, *Peça para clarinete solo* de Cirlei de Holanda, *Trio para clarineta, violoncelo e piano* de Fernando Ariani, *Assobio a Jato* de Heitor Villa-Lobos e *Volante* de Marisa Rezende, conforme programa abaixo.



MARCOS FERRER	FOLE para flauta, clarineta, trompete e contrabaixo
CIRLEI DE HOLANDA	PEÇA para clarineta solo
FERNANDO ARIANI	TRIO para clarineta, violoncelo e piano
CARLOS BELÉM	NUCLEOSYNTHESIS para flauta, clarineta, trompete e contrabaixo
HEITOR VILLA-LOBOS	ASSOBIO A JATO para flauta e violoncelo
ALEXANDRE SCHUBERT	CAMINHOS para flauta, clarineta, trompete, contrabaixo e piano
MARISA REZENDE	VOLANTE para flauta, clarineta, piano e violoncelo

Figura 3 - Programa do Concerto de 12/07/1994

Embora o grupo já tivesse se aventurado em um concerto em Ouro Preto anteriormente, nesse segundo período, houve expansão da área de atuação, levando-o a atuar fora do Rio de Janeiro, primeira performance no Estado de São Paulo no XXX *Festival Música Nova de Santos*, realizado no Teatro Municipal Brás Cubas. No dia seguinte, apresentou-se na capital, Teatro Sérgio Cardoso.

O grupo fez sua primeira viagem ao Estado de Mato Grosso para apresentar concertos em Cuiabá e Diamantino (MT). Convidado pelo compositor e professor Roberto Victório da Universidade Federal do Mato Grosso, apresentou-se no Teatro Universitário da UFMT em 07 de outubro de 1994 no Projeto Cruzar e Bifurcações, regido pelo maestro Roberto Victório. Executou obras de Anton Webern e Vincent Persichetti, com músicos da Orquestra Sinfônica da UFMT. O concerto seguinte se deu na Igreja Catedral em Diamantino com grande sucesso de público.

: GRUPO MÚSICA NOVA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RJ

O Grupo, dirigido pela compositora Marisa Rezende, foi formado em 1989, tendo o apoio da UFRJ e CNPq. Desde sua formação, vários músicos passaram pelo grupo (que tem uma instrumentação mutante) adquirindo grande experiência no campo da música nova de concerto.

Criado com a intenção de dar escoamento à produção das obras de alunos da Universidade, o grupo, pela sua sempre brilhante atuação nos concertos, passou a receber obras de Compositores de expressão - em âmbito nacional - e a se firmar no cenário musical do País.

O grupo é formado por alunos da graduação da Universidade Federal do RJ, que são igualmente membros de Orquestras, como: Orquestra Sinfônica Brasileira, Orquestra Sinfônica Nacional, Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do RJ.

GRUPO MÚSICA NOVA

Eloá Sobreiro (Flauta)
André Goes (Clarineta)
João Luis Areias (Trombone)
Alexandre Brasil (Contrabaixo)
Alexandre Schubert (Violino)
Flávia Vieira (Piano)

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

Ronaldo Victório (Tenor)
Marcelo Coutinho (Barítono)

DIREÇÃO

Marisa Rezende

REGÊNCIA

Roberto Victório

PROGRAMA

- Em Si (Alexandre Schubert)
- Camerata (Edino Krieger)
- Cinco Peças Livres (Roberto Victório)
- Ginga (Marisa Rezende)
- Cantares (Ronaldo Miranda)
- Dein Ist Mein Ganzes Herz da opereta: "Das Land des Lachelms" (Franz Lehar)
- Luisa (Tom Jobim)
- Alfonsina Y el Mar (Ariel Ramirez)
- Torna Suriento (Di Curtis)

REALIZAÇÃO

Prefeitura Municipal de Diamantino
Secretaria de Educação e Cultura

APOIO:

SADIA S/A	COOPERCREDI	COTRAC
CEVAL S/A	COOPAMIDI	- Centro Oeste Tratores

Figura 4 - Programa do Concerto Diamantino

O Grupo Música Nova da UFRJ participou ativamente de Festivais nesse período como o *XVIII Panorama da Música Brasileira Atual*, promovido pela UFRJ e a *XI Bienal de Música Contemporânea Brasileira*, ambos em 1995, ano em que começou uma transformação no seu efetivo e culminou com a formação que participou do CD do grupo. No dia 6 de outubro, estreavam no *XVIII Panorama da Música Brasileira Atual* como participantes do Grupo Música Nova da UFRJ, Sammy Fuks (flauta), Cristiano Alves (clarineta), Juliano Barbosa (fagote) e se mantiveram como integrantes do grupo, João Luiz Areias (trombone), Alexandre Brasil (contrabaixo), Flávia Vieira (regência) e Marisa Rezende (pianista e coordenadora). O grupo sempre participou dos recitais de graduação e de mestrado dos alunos de composição da UFRJ, e fazia concertos externos em espaços como a Sala Cecília Meireles, Escola de Música Villa-Lobos, Espaço Cultural Sérgio Porto. Participava também em seminários como o Encontro anual da ANPPOM.

Devido a sempre estar dando destaque a obra do compositor Roberto Victório, o grupo participou a seu convite do CD *Bifurcações*, gravando a peça *Cruzar e Bifurcações* do ano 1994.

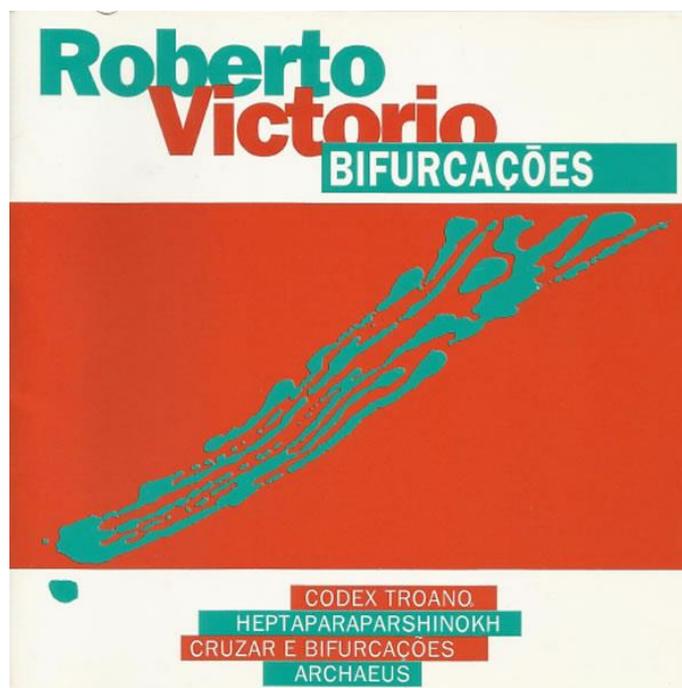


Figura 5 - Capa do CD *Bifurcações*

Foi promovido um concerto de lançamento do CD no Espaço Cultural Sérgio Porto em 16 de agosto de 1996, em que o Grupo Música Nova da UFRJ se uniu a Camerata Contemporânea do Rio de Janeiro, que era integrada por Paulo Passos (clarinete), Pauxy Gentil Nunes (flauta), Ivan Quintana (violino), Hugo Pilger (violoncelo) e André Carrara (piano). Esse concerto teve a participação especial da pianista Rosangela Barbosa. Em setembro do mesmo ano, uniu-se ao grupo novo membro, o violoncelista Saulo de Almeida, que fez sua estreia tocando as obras *Rhythmus* de Alfredo Barros e *Ginga* de Marisa Rezende. Outra obra de destaque desse concerto foi a estreia de *Músicas* de Pauxy Gentil Nunes. Essas músicas ficaram registradas no CD do grupo. O repertório que seria gravado começava a tomar forma e no concerto da Sala Cecília Meireles, em novembro de 1996, apareceram cinco obras que seriam parte do conteúdo do CD.

Como um grupo que estava em constante metamorfose, houve em 1997 o retorno do clarinetista André Góes e a entrada da violinista Antonella Pareschi, que participou do seu primeiro concerto em junho no Salão Henrique Oswald na EM/UFRJ. Logo após, em agosto, o grupo se apresentou na Sala Juvenal Dias (Palácio das Artes) em Belo Horizonte com programa elaborado para grupos menores, sendo um quinteto composto por Caio Senna a maior formação desse concerto.

Na *XII Bienal de Música Brasileira Contemporânea* em concerto na Sala Cecília Meireles no dia 27 de outubro, estreiam mais duas obras que seriam parte integrante do repertório do CD: *A jornada e o sonho* de Marcos Nogueira e *Deutsche Vatapá* de Carlos César Belém, ambas tiveram boa repercussão na Bienal e ótima aceitação pelo grupo, e tornaram-se obras elegíveis para a gravação.

Nesse segundo período (1993 a 1998), temos as maiores formações do Grupo Música Nova, chegando a ter oito integrantes¹². Com efetivo maior e apoio da universidade, o grupo gravou, em 1998, seu primeiro CD *Grupo Música Nova da UFRJ* pelo projeto *Tons e Sons*.

¹² Se levarmos em consideração a participação da coordenadora como instrumentista, seriam nove participantes.

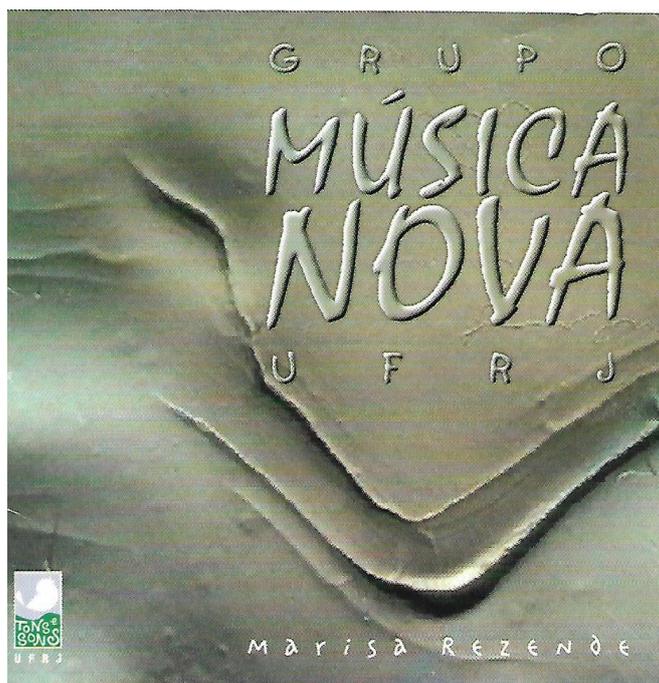


Figura 6 - Capa CD Grupo Música Nova



- 1 **Carlos César Belém** - Deutsches Vatapá (1997)
violino, clarineta**, violoncelo, trombone, contrabaixo, piano
- 2 **Marcus Ferrer** - Folhagem (1995)
flauta, clarineta, fagote, trombone, contrabaixo
- 3 **Caio Senna** - Quinteto (1997)
violino, clarineta**, trombone, violoncelo, contrabaixo
- 4 **Pauy Gentil-Nunes** - Músicas (1995)
flauta, clarineta*, fagote, trombone, contrabaixo, piano.
Alexandre Schubert - Em Si (1994)
- 5 **Busca - Intermezzo / Ausência**
flauta, clarineta*, piano*, trombone contrabaixo
Roberto Victorio - Quatro Microcânticos (1995)
- 6 **Movido**
- 7 **Lento**
- 8 **Surgindo**
- 9 **Intenso**
flauta, clarineta*, fagote, trombone, contrabaixo, piano
- 10 **Alfredo Barros** - Rhythmus (1996)
flauta, clarineta, fagote, violoncelo, contrabaixo
- 11 **Marcos Nogueira** - A jornada e o Sonho (1997)
violino, violoncelo, clarineta **, piano, trombone, contrabaixo.
- 12 **Marisa Rezende** - Ginga (1994)
flauta, clarineta*, fagote, violoncelo, trombone, contrabaixo, piano.

Figura 7 - Contracapa do CD Grupo Música Nova

A gravação se realizou em vários locais, no Espaço Cultural Sérgio Porto, na Sala Cecília Meireles, Escola de Música da UFRJ e no Estúdio Sinfônico da Rádio

MEC, em várias sessões com quatro técnicos de gravação.¹³ A parte de edição e masterização ficaram a cargo de Eduardo Lakschevitz. Algumas gravações foram feitas ao vivo e outras em estúdio, tendo assim um CD que mescla performances contínuas com gravações seccionadas. Como fiz parte das gravações, recordo que mesmo no estúdio realizávamos as gravações como se estivéssemos executando em um concerto. O Projeto *Tons e Sons* foi um projeto de gravação de uma série de CDs idealizado pela Sub-reitora de Desenvolvimento e Extensão da UFRJ, professora Maria José Chevitarese, que, segundo suas próprias palavras impressas no encarte do CD do Grupo Música Nova da UFRJ, cita sobre o projeto: “abre um novo espaço para a divulgação da música brasileira e do talento musical de nossos professores e alunos, além de permitir, aos que apreciam a boa música, o acesso ao trabalho de qualidade que é desenvolvido na UFRJ”. O reitor da UFRJ, Paulo Alcântara Gomes, em seu texto do encarte do CD, destaca a importância do trinômio Ensino-Pesquisa-Extensão e valoriza esse acervo de arte e cultura brasileira como um legado para a nossa sociedade. Participei em dois CDs desse projeto: *Grupo Música Nova da UFRJ*, com a direção artística da professora Marisa Rezende, e *Música Brasileira para Metais*, com a direção artística do professor Dalmário Oliveira.

Ainda em 1998, o grupo participou do *34º Festival Música Nova* e se apresentou em Santos e São Paulo com duas substituições: da violinista Antonella Pareschi pelo seu colega de instrumento Carlos Mendes, e do violoncelista Saulo Moura por Eleonora Rodrigues. Além desse ano ter sido o de gravação do CD, foi marcante para o grupo por ter sido o ano do encerramento das bolsas de estudo do CNPQ. Esses dois fatos foram tão distintos que os elegi para a divisão da história do grupo mais uma vez.

2.3 O terceiro período (1999 – 2015)

No terceiro período, de 1999 a 2015, o grupo se tornou independente das bolsas do CNPQ e se manteve em atividade com número de participantes que veio decrescendo, até se tornarem um quarteto, que embora fosse um número bem mais

¹³ Marcos Branda Lacerda realizou a gravação no Espaço Cultural Sérgio Porto, Beto Montero na Sala Cecília Meireles, Ary André na Escola de Música da UFRJ e o técnico de som Frank Justo Acker no Estúdio Sinfônico da Rádio MEC.

modesto, era um grupo coeso e obstinado em seguir com solidez o trabalho antes realizado.

Com o término do apoio institucional, era esperado que um declínio acontecesse devido à falta de estrutura para a realização do projeto, mas mesmo sem as bolsas o grupo se manteve ativo participando de concertos, festivais e outros eventos. Isto ocorreu devido ao empenho de sua coordenadora que mantinha contatos ativos para que o grupo continuasse atuando.

O primeiro concerto realizado nesse momento foi no 34º Festival Música Nova em Santos no Teatro Municipal da cidade com repetição em São Paulo na sala do Itaú Cultural. Neste programa tivemos obras de Guilherme Bauer, João Guilherme Ripper, Tim Rescala, Tato Taborda, Caio Senna, Marcus Ferrer, Marisa Rezende, Carlos César Belém e Marcos Nogueira. Destaco a obra de Tim Rescala, *Tango para Trombone Solo* que executei e houve uma particularidade neste concerto. O autor da obra nos permitiu tocar a peça em uma versão diferente da original, já que a obra foi escrita originalmente para trombone baixo, a nova versão se apresentava uma terça acima do original fazendo-a executável no trombone tenor. Uma curiosidade aconteceu nesse concerto, uma pessoa na plateia teve uma crise de riso no decorrer da execução, mas como a obra tem um caráter altamente cômico, isto seria uma reação natural da plateia. Mesmo sabendo dessa possibilidade, não ocorreu previamente, e me causou grande surpresa naquela noite. O concerto em São Paulo foi gravado na sala do Itaú Cultural e teve muito boa recepção por parte do público presente.

O Grupo participou de mais um Panorama da Música Brasileira Atual agora em sua XX edição. Foram apresentados cinco quintetos mistos, quatro trios (todos com diferentes formações) e um duo de violoncelo e piano. Havia obras de compositores jovens que apareciam com pouca frequência nos concertos do grupo, dentre estes figuram, Alexandre Carvalho, Marcos Nimrichter, e Osvaldo Carvalho. As outras obras eram praticamente o repertório apresentado no 34º Festival.

Tivemos um ano frutífero em 1999, com concertos dedicados a obra de compositores específicos, a XIII Bienal de Música Brasileira Contemporânea e a participação do grupo na série *Concertos para a Juventude* realizado no Teatro Carlos Gomes e coordenado pelo compositor Tim Rescala. Neste último, o programa mesclava música erudita, música contemporânea e música popular, juntando o grupo ao

violoncelista Paulo Santoro acompanhado da pianista Maria Tereza Soares, e a dois ícones da música popular brasileira, Paulo Moura e Pascoal Meirelles. Dentre os concertos dedicados a compositores, o primeiro em junho, foi dedicado à obra do compositor José Orlando Alves e marca a entrada do clarinetista Marcos dos Passos e a troca de função de André Góes, participando agora como regente. Além disto, houve a minha participação na obra *Fantasia para metais e piano* junto ao grupo de metais convidado para a apresentação. O segundo foi totalmente dedicado à obra de Marisa Rezende e se realizou na Sala da Congregação na EM/UFRJ, e o terceiro, foi um recital dos alunos de composição. Na XIII Bienal foram executadas obras de Pauxy Gentil Nunes, Roberto Victorio e Marisa Rezende.

Curiosamente no ano 2000, o grupo se apresentaria em séries que em algumas vezes não tinham programas impressos. Foi o caso dos Concertos para a Juventude e Música no Palácio (Palácio do Catete, mais conhecido como Museu da República).

Foi possível encontrar os registros pelos periódicos da época que anunciavam os concertos como o Jornal do Brasil.



CONCERTOS PARA A JUVENTUDE – Teatro Carlos Gomes, Praça Tiradentes, s/nº, Centro (232-8701). Dom., às 11h. R\$ 1.
 >Recital de Ronal Silveira (piano), Lulu Pereira (trombone), João de Bruço (percussão) e do Grupo Música Nova. No programa, Bach e Villa-Lobos.

Figura 8 – Programa Grupo Música nova JB 05/04/2000

CLÁSSICO
CONCERTOS NO PALÁCIO DA CIDADE – Palácio da Cidade, Rua São Clemente, 360, Botafogo. Grátis. Sáb., às 17h30. Grátis. Distribuição de senhas uma hora antes do espetáculo.
 >Recital do Grupo Música Nova. No programa, Schubert, Roberto Victorio e Marisa Rezende.

Figura 9 - Programa Grupo Música Nova Palácio da Cidade

O único concerto com programa impresso foi o recital da classe de composição no dia 19 de dezembro de 2000, com obras dos compositores Pedro Py, Marcos Nimrichter e Denise Borborema.

Este problema de falta de programas impressos também sucede em 2001, sendo encontrada uma apresentação em 26 de junho na Casa de Rui Barbosa, que não constava nos programas coletados com a compositora Marisa Rezende.



Figura 10 – Recorte Jornal do Commercio 26/06/2001

A prefeitura do Rio de Janeiro patrocinou um projeto chamado *Música, Tecnologia e Multimeios* com concertos temáticos dedicados as artes contemporâneas no ano seguinte. Foram elaborados seis concertos e o quinto deles intitulado *Poética* foi dedicado a obra de Marisa Rezende e realizado pelo Grupo Música Nova. Como convidados participaram a soprano Doriana Mendes, o tenor José Paulo Bernardes, o flautista Pauxy Gentil Nunes, o violinista Oswaldo de Carvalho (cedido pela Fundação Theatro Municipal do RJ), o violoncelista Paulo Santoro, o contrabaixista Raul d'Oliveira (substituindo Alexandre Brasil), a pianista Valéria Bertoche, e os percussionistas Paraguassú Abrahão e Sérgio Naidim (também cedidos pela Fundação Theatro Municipal do RJ). Neste mesmo mês de 2002,

Marisa Rezende foi homenageada pela Escola de Música da UFRJ e o departamento de composição com um concerto que praticamente repetiu o programa anterior com exceção da troca da obra *Quatro poemas* pela obra *Cantoria*.

Sempre ocupando novos espaços o grupo se apresenta a convite do Prelúdio XXI no Salão Dourado da UFRJ, na série Música no Fórum promovido pelo Fórum de Ciência e Cultura, este foi o primeiro concerto com a formação que se perpetuaria até o final das atividades do grupo com Marcos dos Passos (clarinete), João Luiz Areias (trombone), Alexandre Brasil (contrabaixo), João Vidal (piano) e Marisa Rezende (piano). No repertório obras dos compositores do Prelúdio XXI que foram repetidas com a inclusão da obra contrastes de Marisa Rezende no concerto Música Nova na UNIRIO, promovido pelo Instituto Villa-Lobos na Sala Villa-Lobos. Ainda em 2003, elabora-se um programa voltado a músicas solo, e temos a *Fantasia Sul América* para contrabaixo solo de Claudio Santoro, *Recortes* para trombone solo de Jônatas Manzolli, *MCMXCIX* para clarinete solo de Heber Schünemann. O duo de Roberto Victorio *Altiplanos* para clarinete e piano se junta ao conceito solista e o *Trio #1* de Alexandre Carvalho, o *Trio* para clarinete, trombone e piano de Marisa Rezende e a Sonata para quinteto de Marcos Nimrichter fecham o programa. Foi um concerto muito estimulante para o trombone, pois além da peça solo, o *Trio* para clarinete, trombone e piano de Marisa Rezende exigia a utilização do trombone alto e tenor na mesma obra, e a junção com o acordeon na obra final também trazia um pouco da influência popular no estilo da composição. Para fechar o ano participou da XV Bienal de Música Brasileira Contemporânea com a segunda parte do concerto noturno do dia 15 de novembro.

Com um concerto no IBEU e um na Casa de Rui Barbosa ambos no segundo semestre o grupo mostrou seu trabalho em 2004 e em 2005, participou de um concerto em agosto na série Música no IBAM e em setembro participa na série espaço contemporâneo da Sala Cecília Meireles com um concerto na sala Guiomar Novaes, além XVI Bienal de Música Brasileira Contemporânea.

O grupo se apresentou no Centro Cultural Telemar com um concerto dedicado a compositora Marisa Rezende e o Grupo Música Nova em 2006, neste programa apenas a obra *Algumas Notas* de Yahn Wagner e *curupira* de Marcos Ferrer não eram da coordenadora do grupo. O espetáculo teve a participação especial da soprano Doriana Mendes e do violinista Oswaldo de Carvalho, além das imagens e desenho de luz de Miguel Pachá. Nesse ano ainda se apresenta mais uma vez no IBEU Copacabana, e viajam a Cuiabá para se apresentar no

Centro de Eventos Pantanal na Segunda Bienal de Música Contemporânea¹⁴ no dia 26 de novembro.

Em 2007, toca mais uma vez no Salão dourado da UFRJ na série Música no Fórum e na Série Brasileira da ABM na Casa de Rui Barbosa. Não há registro de apresentações em 2008, ano em que começou a diminuir as atividades. No ano seguinte (2009) tivemos duas apresentações, em agosto no Espaço Cultural Sérgio Porto e em dezembro no CPFL em São Paulo na série Música no Século XXI com a curadoria de Clóvis Marques¹⁵, neste concerto foram apresentadas duas estreias, a obra *Teias* de Rogério Costa para clarineta, trombone, contrabaixo e piano, e *Recortes* de Jônatas Manzolli para clarineta e trombone. Esta última é parte de uma série de obras chamadas *Recortes* que tive a honra de fazer a estreia da obra para trombone solo.

Em 2010 não tivemos atividades, mas em 26 de novembro de 2011 participamos da série de concertos do Prelúdio XXI no Centro Cultural da Justiça Federal, apresentando a obra para trombone solo *Acorde aos poucos* de Caio Senna e a obra *Humana* para trombone e piano de Sérgio Roberto de Oliveira, além de outras obras com o grupo.

A Série Eternos Modernos, realizada em 2012, no Centro Cultural do Banco do Brasil, organizado pelo trompista Antonio Augusto em parceria com a Sarau Produções, foi uma das últimas apresentações de vulto do grupo.

3 O Trombone no contexto do Grupo Música Nova da UFRJ

O trombone desde a sua entrada na formação do grupo teve uma importância crucial por ser o representante exclusivo da família dos metais no ensemble naquele momento. Embora no ano anterior o grupo tivesse um trompetista (Delton Martins Braga) que por decisão própria resolveu se retirar, o grupo acabou se tornando uma fonte de repertório contemporâneo para trombone em formações de câmara a partir de 1993. As obras escritas não somente enriqueceram o repertório, mas também geraram material para as universidades

¹⁴ Criada pelo compositor Roberto Victorio teve sua primeira edição em 2010.

¹⁵ Clóvis Marques é jornalista especializado em música clássica. Colaborador de periódicos como Jornal do Brasil, O Globo, Veredas e Viva Música e Revista concerto. Autor de textos para orquestras e salas do Rio de Janeiro e São Paulo, e publicou três livros, *Mário Tavares, uma vida para a música* (Funarte 2001), *Sala Cecília Meireles 40 anos de música* (Funarj 2006) e *A Música Falada* (2009).

como no curso de bacharelado em trombone na UNIRIO¹⁶. A variedade de formações de câmara que incluem o trombone se estende desde duos até octetos, e mostram a importância deste grupo para a geração de repertório brasileiro contemporâneo para o instrumento. Outros grupos criados após o Grupo Música Nova da UFRJ acabaram adotando o trombone como instrumento integrante como é o caso do Grupo CRON que ampliou ainda mais o repertório e a utilização do instrumento e teve como trombonista o atual Professor da Universidade de Goiás, Marcos Botelho. O trombone tem sido um instrumento que participa com destaque nas Bienais de Música Brasileira Contemporânea em grupos de música de câmara e algumas vezes como solista em obras como a *Sonata para Trombone e piano* de Alexandre Schubert e a obra *Fragmentos nº1 para trombone solo* de Clayton Ribeiro. Em 2019, como resultado de uma parceria de muitos anos no Grupo Música Nova, a compositora Marisa Rezende compôs a obra *Liame* para trombone e orquestra. A obra teve sua estréia realizada pela Orquestra Petrobras Sinfônica com o solo de João Luiz Areias no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, levando o trombone a posição de maior destaque possível para essa formação.

Este repertório específico demanda do intérprete o conhecimento estilístico para a execução de forma adequada de suas peculiaridades. A construção de um aparato técnico para as demandas deste repertório, o entendimento das novas grafias e notações, as técnicas expandidas desenvolvidas, a habilidade de lidar com as diferenças tímbricas e as características dos outros instrumentos, são alguns pontos que melhoraram a minha abordagem dos aspectos interpretativos na música contemporânea e na música em geral. O conhecimento desta nova linguagem faz com que o trombonista possa desenvolver técnicas e habilidades ainda não exploradas, tornando-o mais versátil e completo.

¹⁶ Cadeira de Trombone criada em 2006, tendo como professor João Luiz Areias.

Referências:

- ADAMS, James Max. *Timbral diversity: an annotated bibliography of selected solo works for the tenor trombone containing extended techniques*. Tese (Doutorado em Artes) – University of Northern Colorado, 2008.
- ANTOKOLETZ, Elliott. *Twentieth-Century Music*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1992.
- CATANZARO, Tatiana. A composição brasileira em 2012: panorama da música contemporânea brasileira atual (ou quando, almejando o ovo de prata, Dom Quixote se depara com a borboleta). In: COELHO, João Marcos (Org.). *Cem anos de música brasileira*. Campinas: Andreato, 2014. p. 212-337.
- DEMPSTER, Stuart. *The modern trombone: a definition of its idioms*. Berkeley/London: UC Press, 1979.
- MACEDO, Tatiana Dumas; BREIDE, Nadge. *PONDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO INTERPRETATIVA DA PEÇA CONTRASTES DE MARISA REZENDE*.
- MARIZ, Vasco. *Figuras da música brasileira contemporânea*. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1970.
- MENEZES, Potiguara Curione. Danças africanas e brasileiras em Ginga de Marisa Rezende. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS GRADUANDOS EM MÚSICA, 1., 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: PPGM/UNIRIO, 2010. p. 1046 – 1056.
https://www.researchgate.net/profile/Potiguara_Menezes/publication/258328354_DA_NCAS_AFRICANAS_E_BRASILEIRAS_EM_GINGA_DE_MARISA_REZENDE/links/00b7d527cfce84dfdd000000.pdf
- MESTRINHO, Malú; RAY, Sônia. Música de câmara brasileira contemporânea: a voz em formações sem piano. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 16, 2006, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPPOM, 1996. Disponível em
http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/POSTERES/13_Pos_Perf/13POS_Perf_08-129.pdf. Acesso em 25 de Maio de 2017.
- MORGAN, Robert P. *Twentieth-century music: a history of musical style in modern Europe and America*. 1st ed ed. New York: Norton, 1991. (The Norton introduction to music history).
- NEVES, José Maria. *Música contemporânea brasileira*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- PEREIRA, Flávia Vieira. *As práticas de reelaboração musical*. 2011. Tese (Doutorado em Música) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- TARASTI, Eero. *Heitor Villa-Lobos: the life and works, 1887-1959*. Jefferson, N.C: McFarland, 1995.
- THURMOND, James Morgan. *Note grouping: a method for achieving expression and style in musical performance*. Camp Hill, Pa: JMT Publications, 1982.
- WENNERSTROM, Mary. Form in 20th century music. In: DELONE, RICHARD; WITTLICH, GARI E. *Aspects of twentieth-century music*. Englewood Cliff, N.J.: Prentice-Hall, 1975. p. 1 – 65.